



## A Neurose Obsessiva do *Homem dos Ratos*<sup>1</sup>

### Seminário de Formação Permanente

15 de setembro de 2009

Antonia Claudete A. L. Prado

Este trabalho é produto da leitura de um caso de tratamento breve realizado por Freud com um paciente, um jovem militar que apresentava sintomas graves de neurose obsessiva sobre os quais foi possível obter efeitos terapêuticos rápidos.

#### Sintomas

Angústia: medo de que pudesse acontecer algo de terrível a duas pessoas que amava: seu pai e a mulher amada.

Compulsões: cortar a garganta com uma lâmina e bloqueio de atos em razão de associações absurdas que fazia entre eles e alguma idéia obsessiva.

Fez vários tratamentos, mas apenas um deles deu algum resultado, uma hidroterapia em um sanatório, mas atribui isso ao fato de ter conhecido lá uma pessoa com que teve relações sexuais regularmente, uma vez que suas experiências sexuais eram raras e irregulares, e as prostitutas lhe causavam repugnância.

#### Início do atendimento

O tratamento teve início em 1º de outubro de 1907 e transcorreu até meados de 1908, não tendo completado um ano de duração. Durante esse período, e vale lembrar que as sessões eram realizadas diariamente, os sintomas obsessivos foram se reduzindo até chegar ao *restabelecimento completo da personalidade do paciente, bem como a extinção de suas inibições*.<sup>2</sup>

[...] *eu o fiz comprometer-se a submeter-se à única e exclusiva condição do tratamento, ou seja, dizer tudo que lhe viesse à cabeça, ainda que lhe fosse desagradável ou que lhe parecesse sem importância, irrelevante ou sem sentido*.<sup>3</sup>

#### Sexualidade Infantil

Entre os quatro e cinco anos de idade, iniciou sua *vida sexual*, foi com Fraulein Peter, uma governanta muito bonita e jovem: deitado ao seu lado no sofá da sala, ele lhe pede para deixá-lo se enfiar debaixo da sua saia. Ela concorda com a condição de ele não contar a ninguém. Ele passa então a manipular seu corpo e genitais. Isso o perturbou e despertou uma forte tentação de ver o corpo feminino.

<sup>1</sup> FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Livro X. Ed. Imago. RJ. 1969. p. 159

<sup>2</sup> Ibidem.

<sup>3</sup> Ibidem. p. 164.

Tinha o hábito de apreciar também, com muita excitação, o corpo, especialmente as nádegas, da outra governanta, Fräulein Lina, quando esta se deitava à noite.

Uma cena infantil: certa noite estavam conversando, ele, o irmão e três criadas da casa, quando Fräulein Lina disse: “Poder-se-ia fazê-lo com o pequeno; mas Paul (era eu) *é muito desajeitado, seguramente ele iria falhar*. Eu não entendia claramente o que estavam querendo dizer, contudo senti a desconsideração e comecei a chorar”.

### **Instalação da Neurose Obsessiva**

‘Sofria’ de ereções aos seis anos de idade, e certa vez ‘queixou-se’ disso à sua mãe. Acredita que isso tenha alguma ligação com suas idéias mórbidas obsessivas e, também, que seus pais podiam ler seus pensamentos, explicando a si mesmo que talvez os tenha falado em voz alta sem se dar conta disso. Ele **acredita que aí esteja o início de sua doença**, tinha forte desejo de ver moças nuas e sentia que se fizesse isso algo de terrível aconteceria com pessoas que amava – por exemplo, que seu pai morreria –, razão pela qual devia evitar esses pensamentos. Via-se longamente, desde muito cedo, pensando na morte do pai, e isso o deprimia.

Freud descobre, *com assombro*, que o pai do HR, objeto dos seus *temores obsessivos*, falecera há muitos anos.

Freud diz que esse não era o início da doença e sim que já se tratava de *uma neurose obsessiva completa*, nada faltava, estavam presente: o instinto sexual, o desejo de olhar (escopofilia), a escolha do objeto feminino – o insistente desejo de olhar o corpo feminino nu. Não havia ainda conflito decorrente da censura egóica porque o ego ainda não se opunha a esse desejo, razão pela qual o sujeito *ainda não o encarava como algo estranho a si próprio*. Entretanto, a sua angústia mostrava que alguma coisa de ordem da oposição já atuava sobre esse desejo obsessivo pela imediata introdução de um elemento que lhe causava grande conflito. Sempre que o desejo aparecia, a ele se interpunha, imediatamente, um medo intenso: *algo terrível* aconteceria a um ente querido, caso ele cedesse ao desejo. A interpretação freudiana desse esquema obsessivo seria: *se eu tenho esse desejo de ver uma mulher despida, meu pai deverá fatalmente morrer*. Um afeto estranho e supersticioso que já começa a instalar impulsos no sujeito que passa a lançar mão de *medidas de proteção* para afastar os instintos causadores do mal. Então, o desejo ainda não compulsivo gera uma defesa interposta pelo medo, este sim já compulsivo, *um afeto aflitivo*. Esses elementos levam Freud a concluir que *o inventário da neurose alcançou sua amostragem completa*.

O que significariam essas idéias – desejo causando morte? A essa questão Freud formula a hipótese de que *houve conflitos e repressões*, cobertos pelo “esquecimento”, *antes da idade de seis anos* de idade, e que precisamente nesse momento *terminou a amnésia infantil*.

### **O grande medo obsessivo**

A angústia atual do HR se relaciona a um episódio que teve início em uma manobra militar em que ele estava disposto a mostrar aos oficiais o resultado do seu aprendizado e a sua resistência física. Em uma parada ele perde seus óculos. Recusando-se a procurá-los, liga para Viena e pede aos seus oculistas para que lhe enviem imediatamente, pelo correio, um novo par de óculos. Nessa parada ele está sentado ao lado de um capitão checo muito cruel, defensor de castigos corporais, pelo qual sentia horror. Esse capitão cruel conta-lhe sobre um castigo aplicado no Leste..., sobre o qual havia lido. Bastante perturbado, o paciente levanta-se do divã e passa a contar o caso, após a insistência de Freud: um criminoso foi amarrado de bruços com um balde acoplado às suas nádegas dentro do qual haviam sido colocados alguns ratos. Esses ratos se introduziam no seu ânus.

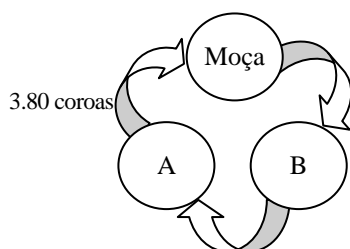
Freud nota na expressão do paciente, ao relatar essa tortura, um misto de horror e prazer e que, sobre esses sentimentos, o sujeito não se dava conta e, em dado momento ele fala sobre uma *idéia* que o assalta, qual seja: *isso estava acontecendo a uma pessoa que me era muito cara*. Freud interpreta essa *idéia* como estando ligada ao castigo que seria aplicado à mulher amada. Essa idéia traria consigo a

punição – um recurso de defesa para evitar a realização de um desejo. Ao mesmo tempo, o HR diz ter conseguido afastar *ambas as idéias*, esse ‘ambas’ é interpretado por Freud como sendo a idéia do castigo aplicado à moça e do mesmo castigo aplicado a seu pai.

Na noite desse mesmo dia, o capitão cruel entrega-lhe um pacote retirado do correio contendo os óculos dizendo-lhe: *O Tenente A pagou as despesas<sup>4</sup> para você. Você lhe deve reembolsar.<sup>5</sup>* Nesse momento, uma idéia lhe vem à mente: se ele devolvesse o dinheiro o horror dos ratos aconteceria à moça e ao seu pai. Então ele não deveria pagar, mas ao mesmo tempo lhe vem a ordem *em forma de um juramento: Você deve (...) pagar de volta as 3.80 coroas<sup>6</sup> ao Tenente A*, juramento que ele se impõe.

Entretanto, apesar dos vários ‘esforços’ que faz para reembolsar o Tenente A, sempre aparecem impedimentos, que Freud concebe como *dificuldades de natureza aparentemente ‘externa’*:

1. entrega o dinheiro para um oficial, que se dirigia ao correio, repassar ao Tenente A ficando aliviado (não era o método adequado de *pagar de volta*) quando o oficial, não tendo encontrado o credor, lhe devolve a quantia;
2. ao encontrar o Tenente A, este não aceita o pagamento, pois não havia pago a encomenda, e que o responsável pelo correio era o Tenente B. O HR fica perplexo por ser *incapaz de manter seu juramento, uma vez que fora baseado em falsas premissas*;
3. arquiteta um plano: iria ao correio com os tenentes A e B, para que A desse à moça do correio as 3.80 coroas que ela repassaria ao Tenente B que as entregaria novamente ao Tenente A, e seu juramento estaria cumprido – um circuito obscuro, diz Freud fazendo-o entender sua manobra, não obtendo dele nada mais do que a revelação de que, primeira vez, ele estava temendo que algo terrível acontecesse com alguém no além – seu pai morto há nove anos.



Manobra obsessiva

Atrapalha-se em uma viagem a Viena durante a qual implementaria seu plano e, apesar de se angustiar com a idéia do juramento, não consegue realizar o tal circuito. Ao chegar em Viena, conta seu tormento a um amigo que, ficando chocado com tanta obsessão, o acalma para que ele possa dormir e, na manhã seguinte, vai com ele até a agência do correio local onde o HR envia as 3.80 coroas à agência que recebeu e lhe encaminhou o pacote com os óculos.

Posteriormente, a história se esclarece: os óculos tinham sido enviados diretamente para a agência do correio, não para o Tenente A ou B. O sujeito se lembra depois que algumas horas antes de tudo isso, havia encontrado um outro capitão que lhe disse haver estado na agência do correio onde uma moça lhe disse que havia chegado um pacote Tenente L (paciente) perguntando-lhe se ele conhecia. Mesmo assim a moça resolve confiar o pacote a um desconhecido para entregar ao destinatário, pagando as despesas. Por um equívoco, o capitão cruel informa ao HR que ele devia pagar ao Tenente A.

O interessante é que, mesmo sabendo do equívoco antes da viagem a Viena, o paciente mantém-se atormentado pelo juramento. A princípio pensa em procurar um médico para lhe dar um atestado dizendo que precisaria realizar o circuito planejado para se curar, mas ao encontrar-se com Freud o que lhe pede é para curá-lo dessa obsessão.

<sup>4</sup> *As despesas em questão referiam-se ao preço do novo pince-nez. Na Áustria, um sistema de ‘pagamento à vista na entrega’ funcionava no serviço de correios.* [op. cit. p.172].

<sup>5</sup> Freud, S. Op. cit. p. 172.

<sup>6</sup> Dinheiro da época.

### ***Iniciação na natureza do Tratamento***

Na quarta sessão o HR decide falar sobre algo que sempre o atormentara, *desde o primeiro instante*: a morte do seu pai, nove anos atrás. Ele sofria de enfisema e, ao perguntar ao médico sobre quando estaria acabado o perigo, o médico lhe respondeu que seria *‘na noite depois de amanhã’*. O HR fora se deitar e uma hora depois o pai estava morto. Ele se censurou muito por não estar presente, recusa-se a aceitar a morte do pai e, após decorridos dezoito meses, ele passa a se julgar criminoso. A partir do momento em que ocorreu a morte de uma tia, ele *ampliou a estrutura de seus pensamentos obsessivos de maneira a incluir aí o outro mundo*. Então, sua crise se agrava a ponto de não conseguir mais trabalhar. O que o consolava e amenizava seu sofrimento eram as conversas que mantinha com seu amigo que lhe dizia serem exageradas as suas autocensuras.

Para Freud, há uma falsa conexão entre o sentimento de culpa em relação à morte do pai e a morte em si, o conteúdo ‘morte do pai’ seria o substituto de um outro conteúdo ideativo desconhecido para o sujeito – um conteúdo inconsciente – um recurso que o sujeito utiliza para inibir as idéias cruciais que o atormentam.

O HR se surpreende com a explicação sobre o a função desempenhada pelo sentimento de culpa como encobridor de conteúdos inconscientes, e como essa informação pode gerar um efeito curativo. Freud diz que **não é a informação que produz a cura e sim o fato de serem trazidos à luz os conteúdos inconscientes**.

Nesse ponto da análise, são lhe esclarecidas as diferenças entre os processos conscientes e inconscientes e, em especial, a vulnerabilidade ao esquecimento constatada no nível consciente, em contraposição ao que ocorre no inconsciente, onde o material é sempre preservado. O material da consciência está sempre sujeito ao *desgaste*, ao desaparecimento e o material inconsciente é *imutável*. Freud faz uma interessante analogia entre o inconsciente e a arqueologia – as antiguidades de sua sala, *objetos achados num túmulo*, ou as ruínas de Pompéia, afirmando que *o enterramento deles tinha sido o meio de sua preservação: a destruição de Pompéia só estava começando agora que ela fora desenterrada*.<sup>7</sup>

A distinção entre o consciente e o inconsciente enseja a introdução da questão sobre a divisão (*splitting*) do sujeito, colocando aqui um eu moral (o consciente) e um eu mal (o inconsciente). Algo de bastante significativo é mencionado pelo HR lembrando-se que, a despeito de ser uma pessoa moral, fizera na infância ações que *provinham do seu outro eu*, o eu mal. Em resposta, diz Freud,

*ele havia incidentalmente atingido uma das principais características do inconsciente, ou seja, a relação deste com o infantil. O inconsciente, expliquei, era o infantil; era aquela parte do eu (self) que ficara apartada dele na infância, que não participara dos estádios posteriores do seu desenvolvimento e que, em conseqüência, se tornara reprimida*.<sup>8</sup>

As lembranças que seguiram a essas explanações referem-se a um fato ocorrido quando o HR tinha doze anos idade, ele apaixonara-se por uma menina, era um amor não sensual – ele *não quisera vê-la nua porque ela era muito pequena*. Mas essa garota, embora assim ele desejasse, não correspondia aos seus sentimentos, o que levou a pensar em uma possibilidade que pudesse fazê-la mudar seus sentimentos para com ele – a ocorrência de uma *desgraça, a morte de seu pai insinuou-se forçadamente em sua mente*. Ele reluta contra a idéia de que esse pensamento poderia revelar um desejo, da morte do pai, e Freud insiste firmemente que sim e ainda mais: que essa não teria sido a primeira vez que ele havia tido essa idéia, que essa idéia tivera origem em um momento anterior da sua vida e que eles chegariam nele.

---

<sup>7</sup> Ibidem. p. 180.

<sup>8</sup> Ibidem. p. 181.

O HR lembra-se de um segundo pensamento desses, que lhe ocorreu seis meses antes de seu pai morrer, foi quando ele já estava namorando a garota e não tinha condições financeiras para comprar uma aliança. Ele então pensou que a morte do pai o tornaria *rico o suficiente para desposá-la*. Para se defender dessa idéia, ele acaba desejando que seu pai nada lhe deixe para evitar que ele venha a ser compensado pela sua morte.

De forma mais leve, a terceira idéia lhe veio na véspera da morte do seu pai: *posso estar perdendo a pessoa que mais amo*. Em seguida, a contradição: *Não, existe alguém mais, cuja perda será bem mais penosa para você*. Perplexo, ele diz a Freud que a morte do pai seria temida, jamais seria desejada, ao que Freud afirma que o medo é causado por um desejo anterior, reprimido, e que, se ele afirma que teme a morte do pai,

*éramos obrigados a acreditar no exato contrário daquilo que ele afirma. Isto também se ajustaria a outra exigência teórica, ou seja, a de que o inconsciente deve ser o exato contrário do consciente.*<sup>9</sup>

Perturbado com tais considerações, ele questiona como isso poderia ser possível, se ele amava seu pai acima de tudo, como poderia desejar a sua morte? E Freud diz que é justamente a intensidade desse amor que indica a presença de um ódio que estaria reprimido. Logicamente, sentimentos brandos propiciam prazer e desprazer também brandos, agradáveis, da mesma forma que sentimentos intensos propiciam amor e ódio intensos, excessivos, angustiantes.

O ódio, entretanto, não surge espontaneamente, é alimentado por uma fonte, sua causa está na história particular do sujeito, é um sentimento de difícil dissolução, mantido no inconsciente. Está ligado, de alguma forma, ao intenso amor que habita a consciência acobertando-o e, sendo de caráter pulsional, encontra sempre um caminho para fluir, ainda que de forma fugaz, para o campo da consciência.

Essas construções soam como razoável ao HR, mas não de todo. Fica enigmático para ele o fato de essas idéias aparecerem, em instantes isolados da sua vida: aos doze anos, aos vinte e por fim aos vinte e dois para não mais se extinguir. Nesses intervalos, pensa ele que a hostilidade não poderia ter desaparecido, e o que teria acontecido com a autocensura que não se apresentara?

A essas indagações, Freud responde que quem faz tais perguntas já tem uma resposta pronta, resposta que poderia ser encontrada pela fala. Ele relembra que sempre havia tido uma ligação amistosa com o pai, com exceção de um aspecto: aquele ligado aos seus desejos sexuais na infância que foram amenizados na puberdade – ele não sentia esses mesmos desejos pela garota da qual se enamorou aos doze anos. Sentia a interferência paterna nesses seus desejos, e isso se colocava contra o amor pelo pai. Freud indica que a fonte da sua hostilidade está nos *desejos sensuais infantis* nos quais incide a interferência do pai, e que o caráter indestrutível dessa hostilidade pelo pai se deve à associação que ele faz entre os *desejos sensuais* e a interferência paterna – um conflito infantil clássico. Ultrapassada a situação em que se vê às voltas com o desejo erótico, a hostilidade ao pai adormece e reaparece toda vez que ele revive essa situação.

Nesse ponto da análise, algo intriga o HR que diz a Freud não entender por que então esse ódio não poderia estar relacionado diretamente à situação atual em que seu pai se opunha à sua ligação com a moça. A razão que esclarece isso é que esse desejo não aparece pela primeira vez na ‘situação atual’, mas em uma situação remota na vida do sujeito, sendo reprimido, não destruído, e, ao reafiorar, suscita sempre o conflito original levando o sujeito a responder sempre como fizera na primeira vez.

Traz a lembrança de um ‘ato criminoso’ cometido contra seu irmão, *eu agora gosto muito dele* - quando crianças brigavam muito, mas eram inseparáveis. Ele rivalizava com esse irmão por ele ser mais forte, bonito e ter a preferência das garotas. Antes de oito anos de idade, ele atinge o irmão na testa com sua espingarda de brinquedo, não o machucou, mas sentiu muita culpa. Isso faz Freud supor que, da mesma forma, que isso poderia ter-lhe *acontecido em uma idade ainda mais precoce, em relação ao seu pai*, e que ficara no esquecimento. Ele conta então que, em algumas ocasiões, teve *impulsos vingativos* também em relação à moça que amava, e não sentia reciprocidade desse amor, e,

---

<sup>9</sup> Ibidem. p. 183.

além disso, que ela estaria guardando esse amor para o homem que futuramente a desposaria. Ele imagina a seguinte vingança: ele se tornaria muito rico, casar-se-ia com uma outra garota e com ela iria visitar a moça só para feri-la. Entretanto, frustra-se com a idéia de que não amaria a outra garota, e que acabaria por fazê-lo pensar que ela deveria morrer.

Finalmente, Freud acalma o sentimento de culpa do sujeito dizendo-lhe que ele não tinha que se sentir mal pelos *traços de caráter*, pelos impulsos provenientes da infância, uma vez que são *derivados de seu caráter infantil, sobreviventes em seu* inconsciente, e que a criança não pode ser responsabilizada por questões de caráter moral.

Ele observa que a sua doença ficou mais intensa depois da morte do pai, e Freud concorda dizendo que *vê o seu sentimento pela morte do pai como a principal fonte da intensidade da sua doença*.

### ***Algumas idéias obsessivas e sua explicação***

As idéias obsessivas são, a princípio, sem sentido – assemelham-se aos sonhos. Freud observa que *o primeiro problema, é saber como lhe dar um sentido*. Não é uma tarefa simples, e deve-se buscar algum esclarecimento em uma cuidadosa e profunda análise das experiências de vida do sujeito,

*indagar quando foi que uma idéia obsessiva particular fez sua primeira aparição e em que circunstâncias externas ela está apta para voltar a ocorrer.*<sup>10</sup>

São frequentes os casos em que as idéias obsessivas aparecem de tempos em tempos, não de forma constante, e isso facilita o esclarecimento do caso, *uma vez descobertas as interconexões entre uma idéia obsessiva e as experiências do paciente*. Um exemplo claro é apresentado pelo HR quando teve um impulso suicida: sua amada estava fora da cidade visitando sua avó doente enquanto ele ficara estudando para as provas. Ele ‘recebe a ordem’ de cortar sua garganta com uma lâmina, e quando já ia pegar a lâmina, recebeu outra ordem dizendo que primeiramente ele devia matar a velha – que com sua doença o separava da sua amada. Está claro que a ordem para cortar a garganta vem como uma punição pelo desejo de matar a velha, cujo desejo certamente o tomou, na forma:

*Como eu gostaria de sair e matar aquela velha mulher por haver-me roubado o meu amor! Ao que se seguiu a ordem de ‘Mate-se a si próprio, como punição dessas suas paixões selvagens e assassinas!’*<sup>11</sup>

No nível consciente, o que surge é um afeto de grande intensidade, mas na ordem inversa: primeiro o comando de punição (*Mate-se a si próprio*), depois o sentimento de culpa (pelas *paixões selvagens e assassinas*).

Uma outra idéia suicida ocorreu em uma ocasião em que sua amada estava em viagem de verão acompanhada de um primo *muito solícito para com ela*. O HR é afetado pelos ciúmes e, nas suas férias, entra no seguinte processo: a) sentindo-se muito gordo (*dick*, em alemão), põe-se a caminhar sob o sol escaldante até a exaustão (pensamento indiretamente suicida, que inclui ‘matar o primo da moça’, Richard, cujo apelido é justamente *Dick*), b) tem o impulso de saltar de um precipício seguindo uma ordem ‘recebida’.

O que há em comum nessas idéias obsessivas é o fato de surgirem de sentimentos de ódio inconsciente para com um terceiro que interfere no seu relacionamento amoroso.

Várias outras idéias obsessivas apareceram no tratamento, como a *obsessão de proteger* surgida nas seguintes ocasiões: a) em um passeio de barco em dia de muito vento ele, seguindo uma ordem, obrigou-a a colocar seu gorro; b) estando com a moça em uma tempestade, não sabendo por que, ele tem a *necessidade de contar até quarenta ou cinqüenta, no intervalo entre um raio e um trovão que o*

---

<sup>10</sup> Ibidem. p. 190.

<sup>11</sup> Ibidem. p. 191.

*seguisse*<sup>12</sup>; c) em dia que a amada estava de partida, ele *foi obrigado* a afastar uma pedra que havia no meio da estrada por medo que ela sofresse um acidente com o seu carro, batendo na pedra. Logo depois, achando absurda essa idéia, *foi obrigado* a recolocar pedra de volta no lugar. Freud diz que

*Atos compulsivos como este, em dois estágios sucessivos, quando o segundo neutraliza o primeiro, constituem uma típica ocorrência das neuroses obsessivas.*<sup>13</sup>

No momento da partida da dama, ele é tomado por uma *obsessão por compreensão*, forçava-se a *compreender o significado exato de cada sílaba que lhe dirigiam*, fazendo com que os amigos, e a sua amada, repetissem, e explicassem várias vezes o que acabavam de dizer. A *obsessão por compreensão* termina quando a dama lhe dá provas de que ele interpretara mal algo que ela disse ligando isso a uma rejeição dela para com ele.

*A dúvida contida em sua obsessão por compreensão era uma dúvida de seu (dela) amor. No peito do amante enfurecia-se a batalha entre amor e ódio, e o objeto desses dois sentimentos eram a única e mesma pessoa.*<sup>14</sup>

Todas essas obsessões têm um denominador comum: circunstâncias que envolviam a sua ligação com o ser amado. A *obsessão de proteger* constituía uma penitência autoimposta em face de um desejo contrário – de hostilidade para com ela. Já a *obsessão de contar* pode ser entendida com um recurso interno dele para livrar alguém de um *perigo de morte*. Enfim, a *obsessão por compreensão* se devia ao fato de ele mesmo interpretar mal o que lhe diziam. Esses entendimentos aliviam o seu mal-estar.

A neurose é caracterizada pelo conflito entre dois impulsos antagônicos de igual intensidade, pela *oposição entre amor e ódio*, os quais correspondem à matéria prima com a qual o sujeito constrói o seu sintoma.

Diferentemente do que ocorre na histeria – que consegue acomodar os dois impulsos de forma a permitir a sua manifestação simultânea – matando *dois coelhos em uma só cajadada* (como diz Freud), na neurose obsessiva os impulsos só podem ser expressos separadamente um do outro – um impulso por vez – nunca aparecem ao mesmo tempo. O trabalho de análise busca as conexões entre eles.

O HR relata uma experiência em que os dois impulsos, amor e ódio, entram em conflito: nos votos de *‘Deus o proteja’* que dirigia a alguém insurgia uma força maligna colocando um ‘não’. Essa obsessão o perturbava tanto que pensou em inverter os votos (substituindo as preces por uma maldição) para que a inversão possa recolocar seus votos iniciais. Na realidade, acontece que *a sua intenção original fora reprimida pela prece*, mas encontra um meio de se manifestar por intermédio da ‘força maligna’.

Um sonho mostra a presença do conflito na transferência: ele sonha que a mãe de Freud havia morrido e ele, por receio de explodir em uma *risada inoportuna* ao apresentar-lhe as condolências, preferiu deixar fazer isso por escrito cometendo um lapso ao trocar a sigla ‘p.c.’ (*pour condoler*) por ‘p.f.’ (*pour féliciter*).

Apresentava forte antagonismo em relação à sua dama. Ocorre que há dez anos ela o havia recusado e, a partir daí, seus sentimentos para com ela passam a oscilar entre amor e indiferença, aproximação e afastamento. Uma vez ela caiu de cama gravemente doente e ele, muito preocupado, não pode evitar um desejo de que ela permanecesse acamada para sempre. Justifica esse desejo dizendo que ficando ela para sempre doente, ele não teria mais medo da ocorrência de crises repetidas.

Ela lhe despertava sentimentos de rivalidade e vingança por valorizar a posição social de um rapaz antigo admirador. Daí ele elabora a seguinte fantasia: ela se casaria com um homem assim, e que seria também funcionário público, subordinado ao HR. O homem cometeria uma desonestidade e ela viria suplicar-lhe para salvar seu marido. Ele, prometendo atender ao seu pedido, prevendo que isso iria acontecer, só assumira o cargo por amor a ela, e que agora, realizada a missão, deixaria o posto.

---

<sup>12</sup> Ibidem. p. 193.

<sup>13</sup> Ibidem. p. 195.

<sup>14</sup> Ibidem. p. 194

Outras fantasias altruístas em relação à dama foram por ele construídas – cuja finalidade era encobrir desejos de vingança. Identificou impulsos alternados de amor e ódio, dos quais pode se dar conta no trabalho de análise, notando que os impulsos agressivos só se manifestavam na ausência da dama, mantendo-se adormecidos na sua presença.

### ***A causa precipitadora da doença***

A neurose obsessiva se distingue fundamentalmente da histeria no que se refere à sua constituição, uma vez que na histeria tanto as causas como as vivências infantis sofrem um processo de ‘esquecimento’ (via mecanismo de repressão) sendo que a carga afetiva que envolve todo o processo se implica na formação dos sintomas. Já na neurose obsessiva o processo de ‘esquecimento’ recai sobre o afeto que dá origem à doença enquanto que *o conteúdo ideativo* é preservado no campo da consciência. O mecanismo de ‘esquecimento’<sup>15</sup> aqui é diferente. O trauma não é esquecido, mas esvaziado da sua *catexia afetiva*, os afetos é que vão para o ‘esquecimento’, enquanto que a lembrança da experiência fica na consciência, e é lembrada como algo banal, sem qualquer importância. O sujeito relata como se isso não lhe dissesse respeito. Isso explica o fato de os neuróticos obsessivos contarem atos imorais garantindo veementemente que não podem concordar absolutamente com isso, sem se dar conta o quanto isso tem a ver com ele. Isso não é nada mais que a *defesa obsessiva*, posto que os afetos ligados a esse conteúdo imoral, deste foram separados pela autocensura que, por sua vez, mantém os afetos do neurótico obsessivo ligados a *causas errôneas*.

Retomando o caso, o sujeito fala da relação de seus pais como sendo *extremamente feliz*. Seu pai tivera se interessado por uma moça pobre, mas acabou se casando com sua mãe, que pertencia a uma família rica. A família da mãe (ele soube disso por ela, logo após a morte do pai) tinha planos para que ele, após terminar seus estudos, se casasse com uma prima distante, uma moça também rica. Isso lhe trouxe sério conflito: manter-se fiel à dama que amava, *a despeito de sua pobreza*, ou casar-se com a moça bonita e rica como fizera seu pai. Bom, a solução que encontrou para esse conflito foi ficar doente – *ficar doente evitava a tarefa de resolvê-lo na vida real*. Doente, ele fica incapacitado para trabalhar e, conseqüentemente, não consegue concluir seus estudos – uma fórmula eficaz para evitar a decisão crucial – casar-se com a moça pobre que ama ou com a rica como queria seu pai. Então Freud conclui que o *plano de casamento* era a *causa ou motivo de ficar doente* e não a sua conseqüência.

O paciente, a princípio, tem dificuldade para aceitar isso, mas *com o auxílio de fantasia de transferência, vivenciou, como se fosse um fato atual o próprio episódio passado*<sup>16</sup>. Um fato casual dá início ao processo: um dia, chegando ao consultório, ele se depara com uma moça nas escadas e pensou logo que ela fosse filha de Freud, e que ele estaria pretendendo transformar o HR no seu genro, razão pela qual ele se mostrava sempre tão amável. Considera que as condições social e econômica da família de Freud se apresentam como ideal, mas *seu inextinguível amor pela dama lutava contra essa tentação*<sup>17</sup>. Um sonho vem completar os elementos que o levam ao entendimento e à aceitação da sua manobra obsessiva. Sonhou com a filha de Freud, ela estava na sua frente e *tinha dois pedaços de estrume no lugar olhos*. Qual é a interpretação dada a esse sonho? A mesma que ele havia vivido, e precipitou a sua doença: ele se casaria com a filha de Freud *não por causa dos seus ‘beaux yeux’, mas sim pelo dinheiro [...] perfeita analogia entre a fantasia de transferência e o estado atual dos acontecimentos passados*.<sup>18</sup>

### ***Complexo paterno e a solução da idéia do rato***

O desencadeamento da crise atual se dá em um momento em que o HR vive uma situação análoga àquela que seu pai vivera antes de se casar com sua mãe, e isso o leva a se identificar com ele.

---

<sup>15</sup> Em *Inibição, sintoma e angústia* (1922) Freud restringe o termo ‘repressão’ à histeria adotando o termo ‘defesa’ que poderia ser utilizado para os dois casos. Nota de Rodapé, p. 199.

<sup>16</sup> Ibidem. p.202.

<sup>17</sup> Ibidem.

<sup>18</sup> Ibidem.

*O conflito nas raízes de sua doença era, em essência, uma luta entre a persistente influência dos desejos do seu pai e suas próprias inclinações amorosas. [...] essa luta era realmente uma luta antiga e se originara a mais tempo, na infância do paciente.*<sup>19</sup>

Voltando à infância, seu relacionamento com o pai era bom, a despeito da severidade nos castigos que ele impunha aos filhos por suas impertinências. O HR o tinha como um homem de boas qualidades, correto, amável. Referia-se sempre ao fato de terem sido bons amigos, apenas com a ressalva sobre um episódio: a restrição que lhe fizera aos doze anos com relação à garota da qual gostava, restrição que foi objeto dos pensamentos obsessivos sobre a morte do seu pai naquela época, o que leva Freud a afirmar que *existia algo, no âmbito da sexualidade, que permanecia entre pai e filho, e de o pai assumira alguma espécie de oposição à vida erótica do filho*<sup>20</sup>, hipótese fortalecida pelo pensamento que passou pela cabeça do sujeito alguns anos depois da morte do pai, em um momento de êxtase na sua primeira cópula: *Que maravilha! Por uma coisa assim alguém é capaz de matar o pai!*<sup>21</sup> Esse fato remete às suas obsessões infantis esclarecendo-as e lançando luz também nas obsessões que se repetem pouco antes da morte do pai, que se colocara contra a sua ligação com a dama que era sua paixão.

Sobre a sexualidade na puberdade, Freud destaca que a masturbação tem um papel importante no desenvolvimento da vida sexual dos indivíduos, mas que o *clímax* da masturbação, quase sempre, ocorre na idade entre os três e os cinco anos e aí se encontra a *etiologia das neuroses subseqüentes*. No caso do HR, ele só praticou realmente a masturbação com a idade de vinte e um anos, logo depois que seu pai morreu, e sentia sempre muita vergonha disso razão pela qual só o fazia de forma bem esporádica – *quando vivia momentos de especial beleza ou quando lia belíssimas passagens*. Entretanto, esses momentos, diz Freud, ligam-se sempre a alguma proibição: certa vez, numa tarde vienense, ele ouvia alguém tocando corneta quando é proibido por um policial, pois no centro de Viena era proibido tocar corneta; outra situação ocorreu quando lia na biografia de Goethe, *Poesia e Verdade*, um trecho sobre a proibição de beijar uma mulher imposta ao personagem por uma ex-namorada.

Outro relato indicando questões ligadas à proibição, refere-se a práticas masturbatórias realizadas depois da morte do pai. Acontecia sempre tarde da noite, nos intervalos de seus estudos. Colocava-se na porta da frente do seu apartamento com o pênis para fora, olhando-se no espelho do hall, como se esperasse a visita do fantasma do pai para desafiá-lo, uma atitude que mostra a ambivalência dos seus afetos em relação a ele, ambivalência demonstrada também em relação à dama, no episódio da pedra na estrada.

### Primeira construção em análise

Na essência desses fatos está a proibição, o que orienta Freud a elaborar

*uma construção segundo a qual ele, quando criança de menos de seis anos, fora culpado por alguma má conduta relacionada à masturbação, tendo sido duramente castigado por seu pai por isso. Essa punição, consoante minha hipótese, pusera, era verdade, um fim em sua masturbação; contudo, por outro lado, deixara atrás de si um rancor inextinguível pelo pai e o fixara para sempre em seu papel de perturbador do gozo sexual do paciente.*<sup>22</sup>

Cena Traumática – no enunciado paterno: *um grande homem ou um grande criminoso*

Essa construção é confirmada pelo relato que o sujeito faz de um acontecimento desse tipo contado repetidas vezes pela sua mãe. Foi realmente entre seus três e quatro anos de idade, quando sua irmã

---

<sup>19</sup> Ibidem. p. 203.

<sup>20</sup> Ibidem. p. 204.

<sup>21</sup> Ibidem.

<sup>22</sup> Ibidem. p. 207.

estava doente. A informação que ficou é que ele havia *mordido alguém*. Sua mãe achava que tinha sido a babá, mas que nada tinha de sexual. Seu pai aplicou-lhe uma surra tão violenta que gerou muita raiva. Enquanto apanhava, xingava o pai com quaisquer palavras que lhe ocorriam, pois era muito novo e, ainda não sabendo xingar, gritava: *Sua lâmpada! Sua toalha! Seu prato!* Diante de tanta fúria, o pai perplexo exclama: *O menino ou vai ser um grande homem, ou um grande criminoso.*<sup>23</sup> Ele acredita que isso tenha feito dele um covarde, *por medo da violência da sua própria raiva*, razão pela qual sempre fugiu, com horror, de situações agressivas. Nunca mais apanhou do pai.

A retomada dessa cena faz o paciente finalmente aceitar o fato de que tenha acontecido tão cedo em sua vida tal sentimento de *fúria (que, a seguir se tornara latente) contra o pai que amava tanto*. O efeito disso foi acentuado pelo fato dessa cena ter sido inúmeras vezes contada para a criança, inclusive pelo seu pai. Foi somente sob transferência que esses conteúdos inconscientes puderam ser trabalhados – nesse momento da análise, quando em desespero acabava sendo agressivo com o analista (depois se reposicionava: *como pode deixar-se xingar desse modo por um sujeito baixo e à-toa como eu? O senhor devia me enxotar, é o que mereço.*<sup>24</sup> – confessou que temia levar uma bofetada de Freud) e seus sonhos eram povoados de insultos que dirigia a Freud e à sua família, enquanto que sua atitude natural era sempre respeitosa.

### Segunda construção em análise

Com isso, diz Freud, *estava aberto o caminho para a solução da idéia do rato. O tratamento atingiu seu ponto crítico*. Todo esse material torna possível solucionar o mistério dessa neurose ligando seus fatos. O ponto de partida é o evento que provocou a violenta perturbação do sujeito: *as duas falas do capitão tcheco – sua história do rato e seu pedido ao paciente para que ele pagasse ao Tenente A*.

O HR vive uma fase de identificação com o pai, é um militar como ele foi durante muitos anos. As palavras do capitão remetem diretamente a um episódio ocorrido com seu pai no exército, quando ele desviou uma quantia (perdida em um jogo de cartas – *fora um Spielratte*<sup>25</sup>) do caixa que estava sob sua responsabilidade. Um amigo o salvou de ir para a prisão emprestando-lhe o dinheiro que devia restituir. O pai não conseguiu encontrar mais o amigo e a dívida não pode ser paga – *uma das pequenas aventuras de seu pai tinha um elemento em comum com o pedido do capitão: o pagamento de uma dívida*.

O HR tinha uma forte censura inconsciente e críticas severas por esse passado do seu pai, e a fala do capitão lhe soa como alusiva à dívida paterna. Aí tem início toda manobra que ele empreende para pagar a dívida. Nesse momento da análise ele traz outras informações: fica sabendo que a linda filha do dono da hospedaria situada na mesma região da agência postal estava interessada nele e isso o estimula. Por outro lado, ele estava interessado na moça do correio. Essas moças vêm representar as duas mulheres presentes na história do pai, e permitem ao sujeito manter-se na indecisão. Da mesma forma, seus delírios envolvem os dois Tenentes, A e B, para alimentar a hesitação que mantém em relação à decisão entre as duas moças que estão por ele bastante enamoradas.

O relato ouvido do capitão tcheco sobre o castigo por meio dos ratos provocou no paciente uma série de outras lembranças que foram sendo associadas, elaboradas, ressignificadas. O que *a punição com ratos nele incitou, mais do que qualquer coisa*, [diz Freud], *foi o seu erotismo anal*. O erotismo anal esteve por vários anos presente na infância do sujeito por meio de uma verminose irritativa. A partir daqui o HR indica a ligação entre rato e dinheiro<sup>26</sup>, inclusive estabelecendo uma associação direta entre a palavra *Ratten* (ratos) e a palavra *Raten* (prestações). Em uma de suas elaborações obsessivas delirantes ele cria a *moeda-rato* – uma moeda comum, como qualquer outra. Por exemplo, ele converte os florins, relativos aos honorários de Freud, para ratos: *tantos florins = tantos ratos*. E daí ele vai tecendo outras conversões como a herança do pai: *tantos florins = tantos ratos (Ratten)* incluindo os

---

<sup>23</sup> Ibidem. p. 208.

<sup>24</sup> Ibidem. p. 210.

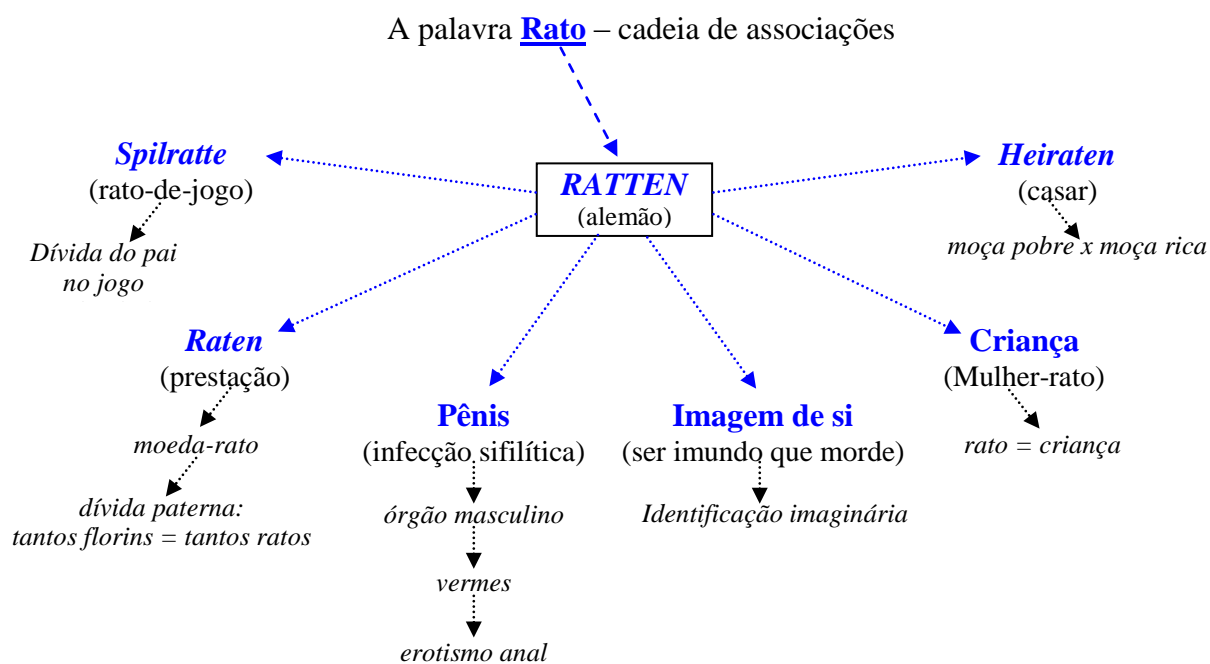
<sup>25</sup> *Rato-de-jogo. Termo coloquial alemão para designar jogador*. Nota de rodapé, p. 212.

<sup>26</sup> Freud fala sobre a conexão entre dinheiro e fezes em seu artigo de 1908, *Caráter e erotismo anal*. Obras Completas, Livro IX. Ed. Imago. RJ. 1969.

cálculos dos juros, as prestações (*raten*). Todos os materiais ideativos ligados ao tema anal se reportavam às suas obsessões via *ponte verbal* ‘*Ratten–Raten*’, e eram guardados no inconsciente. A significação entre rato e dinheiro ganha força ao ouvir do capitão o pedido para reembolsar o Tenente A. Nesse momento estabelece uma nova ‘*ponte verbal*’ na forma *Spilratte* (rato-de-jogo) ligando diretamente dinheiro a ser reembolsado (*ratten*) ao pagamento da dívida do pai no jogo (*raten*).

Prosseguindo na escuta do caso, Freud pode analisar outras associações feitas com o símbolo ‘ratos’, a começar pelo pavor que eles provocam no sujeito como, por exemplo, a sua ligação com a sífilis. Ele se preocupava com a vida sexual que o pai teria levado na época do exército, sendo que o pênis em si, tal como os ratos, são transmissores da doença, então: pênis = rato. Outra lógica é a semelhança entre o pênis de uma criança e um verme – retomando o suplício dos ratos, eles se infiltravam no ânus do soldado da mesma forma que as lombrigas habitavam o do paciente na sua infância. Freud sublinha ainda o fato de que o *rato é um bicho sujo, que come excremento e vive em esgotos*. Nas associações do paciente aparece, como lembrança encobridora, a palavra ‘*heiraten*’ (casar).

O horror fascinado causado pelas idéias obsessivas relacionadas ao suplício indica a sua relação com experiências remotas de ordem sexual e de crueldade reprimida. Mas permanece enigmático até o momento em que o HR menciona a *mulher-rato de O Pequeno Eyolf*, peça que traduz um dos seus delírios nos quais os ratos assumem a significação de *crianças*<sup>27</sup>. Em uma de suas falas ele expressa que, apesar de os ratos serem criaturas sujas, nojentas, terem dentes afiados e morderem a pessoas, ele sentia pena desses animaizinhos por sofrerem constante perseguição dos homens. Essas palavras revelam a sua identificação com os ratos, pois, tal como eles, ele também fora *um sujeitinho asqueroso e sujo, sempre pronto a morder as pessoas quando enfurecido, e fora assustadoramente punido por tê-lo feito*.<sup>28</sup> Nos ratos do suplício, ele viu a sua própria imagem. Para esse sujeito, os ratos são crianças. A essa altura, ele fala que sempre gostou de crianças e que a dama por que ele se apaixonara era estéril, havia extraído os ovários, e isso esclarece finalmente a razão central da sua indecisão.



<sup>27</sup> A peça *O Pequeno Eyolf* foi escrita pelo dramaturgo norueguês Henryk Ibsen, em 1894 e foi apresentada pela primeira vez no *Théâtre de L'Ouvre*, em maio 1895, em Paris. É um garoto de nove anos de idade com deficiência em uma das pernas, resultado de uma queda que sofreu de uma mesa enquanto seus pais faziam amor. A mulher-rato, introduzida na trama, é um personagem da mitologia norueguesa. Ela aparece na casa da família de Eyolf oferecendo-se para levar os ratos até uma água e afogá-los. Eyolf fica fascinado pela mulher-rato, segue-a e se afoga tendo o destino dos ratos.

<sup>28</sup> Freud, S. Op. cit. p. 218.

### Construção final

O processo deflagrado no momento em ouviu o relato do martírio dos ratos foi seguinte:

- a) inicialmente ele fica em choque diante desse misto de atrocidade e depravação;
- b) em seguida é remetido à cena em que mordera alguém;
- c) o capitão, não tendo impedido o suplício, assume o papel de substituto repulsivo do seu pai na crueldade;
- d) o temor de que algo de espécie pudesse ocorrer com um ser amado (o que reflete justamente o seu desejo), volta esse desejo ao seu pai, representado aqui pelo capitão cruel;
- e) ao receber o pacote com os óculos e o pedido para pagar ao Tenente A os 3.80 *Kronen*, ele ‘infe’ que houve um equívoco por parte do capitão, e que a dívida devia ser paga de fato à moça do correio, pensa em fazer uma ironia e não pagar dívida alguma entendendo isso como um *crime: insultara as duas pessoas que lhe eram mais caras: seu pai e a sua dama;*
- f) para se redimir do crime de insulto cometido, ele responde com um juramento que lhe fosse impossível de cumprir: *Agora você deverá realmente reembolsar o dinheiro a A.* Nessa jura obsessiva ele reprime a informação de que o capitão lhe fizera um pedido improcedente, e eleva o pedido à dignidade de ordem do *representante* do seu pai.

O paciente aceitava com reservas essas ponderações, mas acaba se convencendo ao tomar consciência das seguintes evidências: o fato do pedido do capitão ter-lhe provocado raiva; a sua decisão de não pagar atendendo a idéias delirantes de que, se pagasse, seu pai e a dama sofreriam o martírio com os ratos; finalmente a retificação: em lugar da recusa de pagar ele introduz o juramento de pagar.

Para concluir, Freud chama a atenção para **as circunstâncias da vida do paciente** quando se intensificaram as suas idéias obsessivas. Sua libido estava em alta em razão de um longo período de abstinência, e seu relacionamento com a dama estava um tanto distante, o que o fez desejar estar com outras mulheres. Por outro lado, o sentimento de lealdade ao pai estava meio enfraquecido. Em suma, tanto o pai como a dama não gozavam das suas melhores apreciações, fato que lhes acentuavam os sentimentos de autoacusação. Essas condições contribuíam para acionar novamente o duplo conflito que se faz presente em toda a trajetória da vida do HR: manter-se ou não obediente ao pai; manter-se ou não fiel à amada.

Os esclarecimentos desenvolvidos no percurso dessa análise tiveram como efeito o desaparecimento completo dos delírios obsessivos em relação aos ratos que traziam profundo sofrimento ao paciente.